

lalo, o menino do lado

Lucas Verzola¹

Ia fazer um mês que eu não assistia à Sessão da Tarde e isso já era demais. Mal dava tempo de terminar o copo d'água que me ajudava a empurrar a comida insossa goela abaixo e já me enfurnavam no quarto do Lalo, meu vizinho de rua. Eu tinha que passar a tarde inteira brincando com a estrada de ferro, o autorama do Piquet, os quebra-cabeças com as sete maravilhas do mundo, até supertrunfo eu jogava sozinho. Eu só não podia mexer nos carrinhos de fricção que ficavam na estante, que a Dona Neusa não gostava: queria que ficassem do mesmo jeito que o Lalo deixou. Eu ainda não tinha certeza se ela já sabia que o Lalo tinha morrido.

No começo, eu tinha que fingir que ele ainda estava vivo – me disseram, lá em casa, que a Dona Neusa tinha um problema de saúde. Mal teve tempo de lidar com a morte do marido – um delegado casca-grossa que reagiu a um assalto no posto de gasolina – e o ônibus do filho bateu de frente com um caminhão.

Aos poucos eu me acostumei, mas ainda era um pouco estranho mexer nas coisas de um menino morto. Eu vivia encontrando rastros do Lalo, a tampa mordida de uma caneta hidrocor, um boneco faltando braço, até um fio de cabelo na colcha da Portuguesa. Um fio de cabelo de um menino morto é o fio de cabelo mais triste do mundo. Não que o fio perdido de um vivo pudesse voltar para a cabeça de onde saiu, mas o fio do morto nem cabeça tem. Diziam, na escola, que o Lalo teve a cabeça decepada no acidente, mas eu achava que era maldade. Eu me impressionava muito e as professoras não deixavam que puxassem o assunto perto de mim. Acho que não deu certo e agora faz um tempo que não me mandam para a escola, mas para a casa da vizinha. Será que ela já sabe? Acho que sim. Antes ela vinha toda hora em hora ver se eu estava brincando direito e dizia que logo logo o Lalo voltava da rua. Eu tinha pena.

Um dia a Dona Neusa se trancou no quarto e eu espiei pelo buraco da fechadura. Ela não é bonita, mas tem dias que eu acho que sou o único da classe que nunca viu uma mulher pelada que não fosse a mãe. Em vez de tirar a roupa, ela subiu num banquinho e fuçou lá fundo no armário. Pegou uma caixa de sapato, olhou com atenção e depois guardou de novo. Aí ela se sentou na cama e chorou. Chorou tanto que eu fiquei parado, não sabia o que fazer e ela, depois de chorar mais um pouco, se levantou, abriu a porta e me pegou ali na espreita.

¹ Especialista em direção teatral pela Faculdade Paulista de Artes (FPA), especialista em direito penal e processual penal pela Faculdade de Vila Nova do Imigrante (FAVENI), graduado em direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), é editor e fundador da revista Lavoura, autor de três livros de contos, o mais recente A última cabra (Editora Reformatório, 2019). E-mail: verzola.lucas@gmail.com.

Pensei que fosse tomar a maior bronca do mundo, mas ela me pegou no colo, me deitou na cama e começou a fazer cafuné. Parece que ela achou que eu fosse o Lalo e eu deixei, que de carinho eu também estava precisando.

Agora eu fico aqui também para o jantar. É quase sempre o resto da comida do almoço. Tem dia que é pizza, mas a Dona Neusa come dois pedaços e o resto fica para o café da manhã. A gente fica sempre em silêncio. Sinto falta da comida da minha mãe, essa que é a verdade. Aquele macarrão verdinho, a farofa com ovo cozido, pimentão recheado. Nem dá graça de comparar: a Dona Neusa cozinha como quem perdeu o filho.

Se essa mulher sair na rua, tenho certeza que todo mundo vai apontar para ela e dizer, olha lá a mulher que perdeu o filho. Até o boa noite que ela me dá quando eu vou deitar escondido na cama do Lalo é de quem ficou órfão de filho.

Um dia eu cansei de brincar no quarto do Lalo, o autorama não tinha mais graça. A Dona Neusa tava passando a enceradeira e aquele barulhão. Aproveitei e fui de mansinho até o quarto dela, o banquinho estava lá. Me estiquei muito mais que ela o outro dia e puxei a caixa de sapato toda pesada. Era tudo que eu precisava, os outros brinquedos não tinham mais graça. Não devia ser difícil, já tinha visto o Rambo fazer tantas vezes...

O barulho foi tão alto que a Dona Neusa escutou. Eu já não escutava mais.

Agora eu quero ir embora e fico o dia todo brincando aqui. E nem para ela ligar a TV na Sessão da Tarde.